XXIX INIC Encontro Latino Americano de Iniciação Científica
XXVI EPG Encontro Latino Americano de Pós-Graduação
XIX INIC Jr. Encontro Latino Americano de Iniciação Científica Júnior
V ENEXUN Encontro Nacional de Extensão Universitária
XV INID Encontro de Iniciação à Docência
INIC 2025
A Ciência do NANO e seu impacto transformador no MACRO

A POSIÇÃO ESQUIZOPARANOIDE NA TEORIA KLEINIANA: RELAÇÕES DE OBJETO E MECANISMOS DE DEFESA

Autores: André Luiz Ferreira Bregochi, Giovanna Costa de Souza, Giovanna Gregate Gonçalves, Sarah de Oliveira Redona Jorge.

[1]Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, dedelbregochi@live.com, andregiovanna7@gmail.com, giovannagregate@gmail.com.br, sarahorjorge120507@gmail.com .

Resumo

Este trabalho aborda a teoria psicanalítica de Melanie Klein, com foco na posição esquizoparanóide e na constituição inicial do psiquismo infantil. O objetivo é apresentar a concepção kleiniana acerca dessa posição, destacando elementos relacionados à sua constituição e funcionamento. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e analítico-descritiva, desenvolvida por meio de levantamentos bibliográficos. Os resultados evidenciam a importância da pulsão de morte, da formação do supereu arcaico, do conflito edipiano e das relações primitivas de objeto, além de mecanismos de defesa como clivagem, projeção, introjeção e identificação projetiva, utilizados pelo ego diante das angústias primitivas e persecutórias. A relação com o seio materno mostra-se central, inicialmente vivenciada de forma fragmentada como objeto bom ou mau, conforme experiências de gratificação ou frustração. Assim, a posição esquizoparanóide caracteriza-se pela articulação entre ansiedade persecutória, fantasias inconscientes, relações de objeto e mecanismos de defesa, contribuindo para a compreensão da organização inicial do psiquismo e do desenvolvimento emocional do indivíduo.
Palavras-chave: Melanie Klein. Psicanálise. Posição esquizoparanóide. Clivagem. Identificação projetiva.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Introdução

Melanie Klein foi uma importante psicanalista para o desenvolvimento da ciência do inconsciente, atuando predominantemente com crianças, contribuiu para ampliar a compreensão do psiquismo infantil a partir de sua prática clínica e de suas proposições. Sua produção teórica manteve diálogo com importantes autores da psicanálise, como Sigmund Freud e Anna Freud, ao mesmo tempo em que inaugurou novas perspectivas sobre o funcionamento psíquico infantil, a partir das relações de objeto e fantasias inconscientes.

No presente trabalho, destaca-se a posição esquizoparanóide como conceito central da teoria kleiniana aqui examinado, devido à sua relevância para o desenvolvimento psíquico. Para sua compreensão, a pesquisa abordará conceitos complementares, tais como pulsão de morte, supereu, castração, complexo de Édipo e mecanismos de defesa, os quais contribuem para o entendimento da posição em questão.

Diante disso, o trabalho tem como objetivo sintetizar a concepção kleiniana acerca da posição esquizoparanóide, abordando os elementos que participam de sua constituição e funcionamento.

Metodologia

O presente texto caracteriza-se como uma pesquisa acadêmica de cunho qualitativo e caráter analítico-descritivo, a qual sintetiza teorias do desenvolvimento infantil sob a perspectiva de Melanie Klein, com foco nos conceitos de posição esquizoparanóide, formação arcaica do supereu e mecanismos de defesa primitivos. Para a produção deste trabalho, foi realizado um levantamento bibliográfico utilizando literaturas primarias e secundárias, de comentadores de extrema relevância no meio psicanalítico, como a psicanalista britânica de origem polonesa Hanna Segal (1975) e o psicanalista J.-D. Nasio (1995), além de artigos científicos consultados em bases como PePSIC e SciELO, destacando-se o artigo "Klein: uma nova dinâmica a respeito do psiquismo", de Débora Waihrich Matzenbacher (2024), e obras fundamentais de Sigmund Freud. Ademais, adota-se a estrutura de fichamento, a qual cumpre a função de extrair e expor as principais ideias por meio de uma organização categórica e temática, possibilitando compreender o conteúdo apresentado de forma clara e articular uma síntese reflexiva com base nos resultados obtidos.

Resultados

Para compreender a posição esquizoparanóide, é necessária a dominação de um conceito primordial para a base do entendimento psicanalítico, a pulsão, especificamente a pulsão de morte. Ao longo da pesquisa, serão constantemente comentadas as vontades destrutivas que o bebê possui em relação ao corpo da mãe; esses impulsos são denominados como pulsão de morte. Tal conceito foi introduzido por Freud em seu livro *Além do Princípio do Prazer*, obra que revolucionou suas próprias teorias. Nela, é relatado que não possuímos apenas pulsões que visam ao prazer, mas que também há forças que guiam o ser para a calmaria do descanso total, o fim da vida. Isto ocorre devido à tensão exercida sobre a pulsão; pela força que emana para satisfazer seus desejos, ela ocasionalmente se tensiona, afastando-se do objetivo de satisfação. Necessitando aliviar essa pressão, a pulsão deseja voltar às coisas mesmas, aos seus estados inorgânicos. Para Freud (1920/2010), a pulsão de morte representa a tendência inerente ao organismo vivo de retornar a um estado inorgânico anterior.[1]

A partir da contextualização anterior, podemos compreender que o bebê compartilha de uma angústia desde seus primeiros meses de vida. Essa atração ao descanso eterno elabora um constante medo em relação à aniquilação, que influencia diretamente o funcionamento precoce do psiquismo infantil. Portanto, quando o bebê é exposto à ansiedade produzida pela realidade, seu psiquismo ainda em desenvolvimento deflete e se divide. Nessa divisão, a pulsão de morte se projeta no ambiente, neste caso, no corpo da mãe, que serve como palco para as fantasias e desejos advindos dessa pré-formação conturbada do inconsciente. Como dito no livro *Introdução às Obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan*, de J.-D. Nasio (1995, p. 152), o corpo da mãe é “a cena de todos os processos e de todos os acontecimentos sexuais”. Portanto, é o seio que assume o papel de perseguidor que deseja exterminá-lo, colaborando para a agressividade e o sadismo elaborados pelo bebê que deseja destruir o corpo da mãe. Concomitantemente à projeção da pulsão de morte para fora, a libido já presente também se manifesta no psiquismo, adquirindo vínculos objetais para a satisfação do eu (self), que já cumpriu sua função de se autopreservar, projetando a imagem de um seio ideal, que possui o papel de nutrir, amar e, o mais importante, afastar o objeto perseguidor. Segal (1975) aponta que o bebê busca introjetar e identificar-se com o objeto ideal protetor, mantendo afastado o objeto mau e a pulsão de morte.[2] Este sentimento de ansiedade persecutória sugere parte do nome da posição esquizoparanóide. O processo descrito explica como o bebê desenvolve certos mecanismos de defesa para lidar com a realidade, neste caso, o mecanismo de clivagem, caracterizando, dessa forma, o início dessa fase.

---

[1] Conforme Segal (1975, p. 38), “o objetivo do bebê é tentar adquirir, manter dentro e identificar-se com o objeto ideal (...) bem como manter fora o objeto mau e aquelas partes do eu (self) que contêm o instinto de morte. Na posição esquizo-paranóide, a ansiedade predominante é a de que o objeto ou objetos perseguidores entrarão no ego e dominarão e aniquilarão tanto o objeto ideal quanto o eu (self).”

[2] [1] “Uma pulsão seria, portanto, um empenho, inerente ao orgânico vivo, de restauração de um estado anterior, que o ser vivo teve de abandonar sob o influxo de forças perturbadoras externas; seria uma espécie de elasticidade orgânica (...)” (FREUD, 1920/2010, p. 161).

Para lidar com essa angústia surge o eu primitivo, que usa como mecanismo a clivagem, na qual o seio é dividido em seio bom, quando gratifica e proporciona prazer, e seio mau, que causa sofrimento e gera frustração (Oliveira, 2007). Assim, instaura-se uma alternância entre sujeito e objeto, entre ser e ter: na falta do seio, o bebê passa a identificar-se com ele, confundindo-se com o objeto; quando o seio está presente, ele tem a sensação de possuí-lo. Essa dinâmica origina a identificação secundária (Nasio, 1995).

Juntamente com a clivagem surgem outros mecanismos importantes: a introjeção e a projeção. Na introjeção, a libido, especificamente a pulsão sádica oral, investe um objeto, o qual o bebê internaliza de forma fantasiosa e distorcida, podendo internalizar tanto o objeto mau quanto o bom. Esses objetos estão conotados de negatividade, pois tudo que é fragmento é mau; inclusive o "bom" pode vir a se tornar perseguidor. Somente o íntegro é realmente bom, porém a introjeção não permite que esse íntegro subsista. A introjeção participa do mecanismo geral da internalização, mas fragmenta os objetos; a identificação, por sua vez, participa do mesmo mecanismo, mas diz respeito aos objetos em sua totalidade. Os objetos introjetados permanecem na "outra cena", onde ficam inscritos de modo definitivo (Nasio, 1995). Diante desse processo, o seio mau tem dois níveis: o seio ausente e o seio internalizado de forma parcial, sendo o segundo consequência do primeiro.

A projeção, por sua vez, tenta externalizar e expulsar o sadismo do sujeito ou os objetos maus internalizados. Entretanto, mesmo projetado, esse objeto continua sendo um objeto mau internalizado e, quanto mais sadicamente projetado, mais ameaçador ele se torna. Desse modo, em razão da projeção, o bebê teme a vingança do seio materno.

Diante dos outros fatores já apresentados, faz-se necessária, agora, a compreensão do conceito de supereu. Classicamente, o supereu é compreendido como herdeiro do complexo de Édipo, surgindo após o declínio dessa relação, por volta dos quatro ou cinco anos, sendo constituído pela internalização das regras e proibições dos pais. Entretanto, Klein observou que seus pacientes com menos de quatro anos já apresentavam um supereu extremamente cruel (Nasio, 1995). Para melhor compreensão da teoria de Klein, é necessário retornar a Freud, em especial à sua formulação de um supereu arcaico, apresentada em 1923, na obra O Eu e o Isso. Nesse contexto, percebe-se que, por trás do nascimento do supereu, não está a identificação com os pais depois do Édipo, mas a identificação com o pai da pré-história pessoal, ou seja, com um pai e uma mãe misturados, não vistos como duas pessoas separadas, representando a visão da criança antes da compreensão da diferença entre os sexos. Trata-se de uma identificação que ocorre de modo imediato, sendo mais precoce do que qualquer forma de investimento objetal (Nasio, 1995). Nesse momento, a criança internaliza que deve ser como esse pai, o Pai da Horda, o que implica que deve viver e gozar com tudo. Depois, com a ocorrência do complexo de Édipo, surge o supereu edipiano, que, ao contrário do arcaico, diz que a criança não tem o direito de ser como o pai e gozar com a mãe, devendo viver, mas em outro lugar. Portanto, o supereu não se encontra somente na ordem de gozar, mas também compreende a proibição do objeto de gozo do pai.

Para Klein, o núcleo do supereu, ou o supereu arcaico, situa-se na fase oral canibalesca. A influência do supereu arcaico é a incorporação de uma força que obriga a criança a viver. Essa força extremamente intensa, chamada por Nasio de "pulsão de destruição", é contida pelos orifícios do corpo, ritmados pelo tempo humano. A partir desse freio, surgem as pulsões parciais, orais, anais e uretrais marcadas por um sadismo violento. Esse sadismo que opera desde a organização pré-genital instaura a fase oral como canibalesca e a anal como oblativa; além disso, o sadismo transforma o objeto anal ou oral e m objeto de desejo. É também graças a ele que a criança pode viver, sendo levada a gozar a vida bebendo o seu leite, a morder, devorar e atacar se não estiver satisfeito, ao mesmo tempo em que é alertada de que o que atacar a atacará de volta.

A intensidade do sadismo contra os objetos externos aparece de forma suavizada, uma vez que as fantasias iniciais não chegam a se tornar conscientes. Essa intensidade se manifesta-se das seguintes formas: na angústia que dificulta a fala, na maldade com objetos ou pequenos animais e por meio das fantasias, as quais são divididas em boas ou más.

As pulsões destrutivas e suas derivações só diminuem quando ocorre o declínio do Édipo, quando a criança renuncia à mãe; essa renúncia a ela, e mais precisamente ao seio, é uma batalha constante, que se inicia no desmame (Nasio, 1995).

Em seguimento, o conflito edipiano é uma temática intrínseca ao desenvolvimento infantil pela perspectiva psicanalítica, constituindo-se já no âmbito da posição esquizoparanóide. De acordo com Melanie Klein, ao contrário das ideias de Freud, o conflito edipiano tem início muito cedo na vida — por volta dos primeiros meses, acompanhado não apenas pela culpa em relação ao desejo incestuoso,

mas também pelas pulsões destrutivas e pelas fantasias arcaicas dirigidas aos pais. Como aponta Hanna Segal (1975, p. 115): “O Complexo de Édipo começa sob o domínio das pulsões orais e destrutivas; assim, os primeiros objetos edipianos são objetos parciais e investidos de extrema agressividade. As fantasias do bebê em relação ao casal parental são profundamente marcadas por desejos de invasão, roubo e destruição dos conteúdos do corpo da mãe.”

O vínculo existente com a mãe é a base para todos esses processos, incluindo o início e o desfecho do Complexo de Édipo. É através dessa relação que tanto os meninos quanto as meninas vivenciam a chamada fase da feminilidade, conceito kleiniano que aborda a identificação precoce com a mãe e o desejo pelos seus conteúdos internos. No caso do menino, surge o desejo de possuir atributos associados ao corpo materno, como a capacidade de gestar e nutrir. Ao mesmo tempo, ele experimenta um medo intenso da figura paterna, especificamente do pênis do pai imaginado no interior do corpo da mãe, percebido como perseguidor. Para lidar com essa ansiedade, o menino pode projetar a ameaça na própria figura materna. A superação desse conflito depende de suacapacidade de confiar no pai e identificar-se com ele.

Já no caso da menina, o processo envolve um afastamento inicial da mãe e um movimento em direção ao pai, impulsionado tanto pelo desejo quanto pela inveja em relação à mãe por possuir o pai e seus conteúdos. A menina pode sentir que foi privada desses atributos, desenvolvendo rivalidade e angústia. Para Melanie Klein, portanto, o Complexo de Édipo é um processo mais primitivo, fantasioso e marcado por agressividade e culpa do que na teoria freudiana tradicional. Não se trata apenas de um conflito entre desejo e proibição, mas de um campo de fantasias intensas de amor, destruição, medo e reparação, que moldam profundamente a estrutura psíquica e as relações futuras do indivíduo.

Retomando a relação entre o seio bom e o seio mau, considerando que o seio bom é responsável pela gratificação infinita, o mau é aquele que frustra de modo infinito, já que não está presente no momento em que a criança deseja. Contra esse seio mau a criança inicia uma série de ataques fantasísticos, com suas armas orais (dentes, mandíbula). Nessas fantasias ela divide o seio mau em milhões de pedaços, enquanto o seio bom permanece íntegro, representando toda a bondade (Matzenbacher, 2024). Diante dessas fantasias relacionadas ao seio mau, o sujeito, temendo a vingança, projeta-o, o que gera angústia novamente ao temer a retaliação, levando a introjeção de outro objeto equivalente, repetindo o ciclo da angústia. Tal momento pode se vincular com o recalcamento que, segundo Nasio (1995), corresponde ao mecanismo tal como Freud o expôs em 1915, na obra Metapsicologia. Esse mecanismo relaciona-se ao estabelecimento do princípio de prazer, aquele que reduz a tensão por meio do brincar ou da associação.

A fase esquizoparanóide é marcada pelo sadismo, no qual as pulsões sádicas orais, anais e uretrais, se unem na fantasia de dominar o seio. Nesse período, a criança vivencia o medo da vingança e fantasias de perseguição, e sua defesa é tentar destruir os perseguidores. Tomando como exemplo as projeções anais, a criança fantasia colocar os excrementos na mãe, passando a vê-la como má, configurando-se, assim, a identificação projetiva. Esse conceito já havia sido distinguido por Klein em seu trabalho clínico em 1930 (Nasio, 1995), segundo o qual um objeto externo pode ser odiado à medida que o sujeito projeta no outro os seus próprios traços odiosos, passando a vê-lo como mau.

No entanto, na projeção, partes boas também podem ser projetadas, o que possibilita a criação de relações estáveis com objetos importantes para a formação do eu; contudo, esse mecanismo pode causar confusão entre o eu e o outro. O objeto bom tem grande importância no desenvolvimento, auxiliando na organização do eu; portanto é necessário que a criança viva boas experiências.

Por fim, segundo Klein, esse mecanismo de identificação projetiva está presente como resquício das angústias e dos mecanismos esquizoparanóides, sendo natural na criança e desaparecendo no início do seu segundo ano de vida (Nasio, 1995).

Ao final da pesquisa, foi possível alcançar uma compreensão da teoria kleiniana da posição esquizoparanóide, evidenciando os principais conceitos que englobam tal posição, entre eles as teses sobre a formação do supereu, a pulsão de morte, os mecanismos de defesa, a relação do bebê com a mãe e o conflito edipiano, com a finalidade de sintetizar a posição esquizoparanóide.

Discussão

Os resultados apresentados permitem compreender a posição esquizoparanóide como uma organização psíquica na qual ansiedade persecutória, relações de objeto e mecanismos de defesa

encontram-se articulados. A partir da perspectiva kleiniana, a clivagem, a projeção e a introjeção podem ser compreendidas como recursos utilizados pelo ego diante de experiências de ansiedade que ainda não devem ser integradas. Dessa forma, os conceitos apresentados na revisão não devem ser considerados isoladamente, mas como elementos de uma dinâmica na qual o sujeito busca preservar o objeto idealizado e afastar aquilo que é percebido como ameaçador (Klein, 1946; Segal, 1975).

Nesse contexto, a divisão entre seio bom e seio mau assume papel importante na organização inicial das relações de objeto. A clivagem permite ao bebê diferenciar experiências de gratificação e frustração, enquanto a projeção e a introjeção participam da constituição do mundo interno. Assim, os mecanismos defensivos apresentados nos resultados não possuem apenas uma dimensão negativa, pois também exercem uma função de organização diante da ansiedade. A literatura kleiniana permite compreender que essas formas primitivas de funcionamento fazem parte do desenvolvimento psíquico, ainda que possam adquirir diferentes configurações posteriormente (Klein, 1946; Oliveira, 2007).

A identificação projetiva destaca-se nesse processo por articular de maneira particularmente intensa a relação entre sujeito e objeto. Embora inicialmente formulada no contexto dos mecanismos esquizoparanóides, sua importância foi ampliada posteriormente por autores da tradição kleiniana, passando a contribuir para a compreensão de diferentes formas de relação de objeto. Nesse sentido, a noção de posição esquizoparanóide não precisa ser entendida apenas como uma etapa cronológica rigidamente delimitada, mas como uma modalidade de funcionamento relacionada à maneira pela qual o sujeito lida com ansiedade, ambivalência e integração dos objetos (Segal, 1975; Aguayo, 2009).

Por fim, a análise realizada evidencia que a contribuição de Klein ultrapassa a descrição dos primeiros momentos do desenvolvimento infantil, ao propor uma compreensão articulada entre fantasia, inconsciente, ansiedade, mecanismos de defesa e relações de objeto. Entretanto, essas formulações devem ser compreendidas dentro do campo teórico e metapsicológico da psicanálise, evitando que hipóteses sobre o funcionamento psíquico inicial sejam tomadas como descrições empíricas diretas do comportamento infantil. O aprofundamento dos desenvolvimentos posteriores da teoria kleiniana, especialmente aqueles relacionados à identificação projetiva e às relações de objeto, constitui uma possibilidade relevante para futuras investigações.

Conclusão

A análise realizada possibilitou compreender a posição esquizoparanóide como uma organização psíquica marcada pela presença de angústias persecutórias, fantasias inconscientes, relações primitivas de objeto e mecanismos de defesa. Nesse contexto, conceitos como pulsão de morte, supereu arcaico, conflito edipiano, clivagem, projeção, introjeção e identificação projetiva mostraram-se fundamentais para compreender o funcionamento inicial do psiquismo segundo a perspectiva kleiniana.

A relação do bebê com o seio materno também se apresenta como elemento central, sendo inicialmente marcada pela divisão entre objeto bom e objeto mal e pelas experiências de gratificação e frustração. Os mecanismos de defesa, embora associados às angústias primitivas, exercem importante função na organização do mundo interno e das relações de objeto. Dessa forma, a posição esquizoparanóide não deve ser compreendida apenas como uma etapa cronológica do desenvolvimento, mas como uma modalidade de funcionamento psíquico relacionada à maneira pela qual o sujeito lida com a ansiedade, a ambivalência e a integração dos objetos.

Segundo Bion, a posição esquizoparanóide e a interpretação do seio bom e mau são de extrema relevância para compreender o desenvolvimento humano e suas funções superiores, como o pensar, o abstrair símbolos, o sonhar e o internalizar emoções. A partir do momento em que o bebê se frustra por falta de alimento, por exemplo, ele vivencia a experiência do não-seio. Se o aparelho psíquico for capaz de suportar as frustrações, um protopensamento é desenvolvido através do que ele chama de função alfa, responsável por desenvolver a capacidade de pensar. Essa cognição ajuda o bebê a processar a frustração e a se desenvolver de forma sadia, permitindo a formação de símbolos, os quais substituem e representam todas as perdas inevitáveis no curso do desenvolvimento. Consequentemente, a formação de símbolos possibilita a capacidade de abstração e criatividade, situando o sujeito no campo do simbólico. Já se o psiquismo não for capaz de superar as frustrações e não conseguir transitar da posição esquizoparanóide para a posição depressiva, a criança não desenvolve a função alfa e permanece sob o domínio dos elementos beta, um estado caótico que não difere o consciente do inconsciente, a fantasia da realidade. A prevalência de elementos beta colabora

para a formação de um indivíduo que não internaliza corretamente os símbolos da realidade, tampouco consegue sonhar e desenvolver o pensamento de forma coerente. Essa formulação pode ser ilustrada, de forma aproximativa, pelo filme A Vida Eletrizante de Louis Wain (2021), especialmente nas representações de experiências alucinatórias e da dificuldade de diferenciação entre realidade e experiência interna, aspectos que podem ser relacionados à noção bioniana de elementos beta.

Conclui-se, portanto, que as contribuições de Melanie Klein ampliam a compreensão das experiências emocionais primitivas e da formação das relações de objeto, destacando a importância das fantasias inconscientes, da ansiedade e dos mecanismos de defesa na organização do psiquismo. A compreensão desses elementos permite reconhecer a complexidade do desenvolvimento emocional e a importância das primeiras relações de objeto para a constituição do mundo interno do sujeito.

Referências

AGUAYO, Joseph. On understanding projective identification in the treatment of psychotic states of mind: the publishing cohort of H. Rosenfeld, H. Segal and W. Bion (1946–1957). The International Journal of Psychoanalysis, v. 90, n. 1, p. 69–92, 2009. DOI: 10.1111/j.1745-8315.2008.00115.x.

KLEIN, Melanie. Notas sobre alguns mecanismos esquizóides (1946). *In*: KLEIN, Melanie. Inveja e gratidão e outros ensaios **(1946-1963)**. Tradução de Elsa Oliveira Dias *et al*. São Paulo: Blucher, 2023. (Obras completas de Melanie Klein, v. 3).

MATZENBACHER, Débora Waihrich. Klein: uma nova dinâmica a respeito do psiquismo. EPP Psicanálise, 1 jun. 2024. Disponível em: https://epp-psicanalise.com/blog-psicanalise/49-artigos-psicanalise/245-klein-uma-nova-dinamica-a-respeito-do-psiquismo. Acesso em: 21 ago. 2026.

NASIO, Juan-David. Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

OLIVEIRA, Marcella Pereira de. Melanie Klein e as fantasias inconscientes. Winnicott e-prints, São Paulo, v. 2, n. 2, 2007. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2007000200005. Acesso em: 21 ago. 2026.

SEGAL, Hanna. Introdução à obra de Melanie Klein. Rio de Janeiro: Imago, 1975.